

IGREJA VIVA

QUINTA-FEIRA • 27 DE NOVEMBRO DE 2014

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30508 de 27 de Novembro de 2014, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.



HENRIQUE PINTO

A POBREZA EM PORTUGAL
É UM PROBLEMA ESTRUTURAL

P.4-5

© DACS

A ECONOMIA SOCIAL — OU A ECONOMIA PRÓXIMA

PAULO MOURÃO

DIRECTOR DO MESTRADO EM ECONOMIA SOCIAL (UNIVERSIDADE DO MINHO)

A Economia Social vale 4% do emprego e do Valor Acrescentado Bruto em Portugal. Valor mediano se considerarmos um conjunto alargado de países da OCDE, entre os máximos de Irlanda e Holanda (em redor dos 11%) e os valores ainda residuais da Grécia e das jovens democracias de Leste. A Economia Social – também noutras esferas identificada com o Terceiro Sector – resulta da acção de agentes privados/particulares (como cidadãos ou associações de cidadãos) que promovem a criação de bens e serviços de natureza pública (isto é, usufruídos pelas colectividades ou pela sociedade no seu todo). Assim, fazemos parte da Economia Social quando pertencemos a Associações Desportivas ou Culturais, às Misericórdias, à Cruz Vermelha, a Confrarias ou Irmandades Religiosas, a Fundações, a Cooperativas ou a Mutualidades. E sempre que interagimos com esta miríade de agentes, contactamos com a Economia Social. Em Portugal, a Economia Social é mais antiga que a própria nacionalidade, no sentido de que existe um conjunto alargado de documentos que provam a acção de entidades hoje classificadas como pertencentes à Economia Social ainda antes do *Tratado de Zamora*. Por exemplo, existem documentos de Irmandades de motivação religiosa, animadas por leigos, com acção social de alcance local no espaço do Condado Portucalente. Ou então podemos referir a existência de mutualidades marítimas, de funcionamento simples, localizadas nas praias de Esposende, Ofir e Póvoa de Varzim ainda antes de Portugal ser um Reino independente. Além do Mercado (entendido pelos economistas actuais como todo o espaço de comunicação de necessidades entre agentes particulares) e além do Estado (entendido como o conjunto de organismos reguladores da vida social providos de autoridade), a Economia Social tem sido um elemento vital para o Desenvolvimento das nossas democracias. Tem-no sido por três classes de razões. A primeira classe relaciona-se com a intermediação no mercado laboral. A Economia Social tem minimizado as crises laborais, não só como gerando trabalho alternativo como também auxiliando nas prestações sociais disponíveis junto

dos desempregados e suas famílias. A segunda classe prende-se com o papel de “almofada social” – dada a proximidade e a informalidade que lhe são características, a Economia Social tem minimizado a revolta, a crise social e o radicalismo (veja-se o comportamento diferenciado perante a *Troika* dos gregos, onde a Economia Social só agora emerge, e dos irlandeses, onde a Economia Social é muito mais presente). Finalmente, a Economia Social é – ou melhor, tem sido – muitas vezes o Estado presente onde o Estado já não chega ou deixou de chegar. Quer através das acções de solidariedade, quer através da promoção do desenvolvimento local através das associações culturais e desportivas, quer através do cuidado médico, através da Cruz Vermelha ou das Misericórdias, a Economia Social é a mão visível, a figura próxima, o calor humano. Se durante muitos anos a sua importância estava subentendida, quer no reconhecimento oficial, quer no discurso político ou na análise académica, assistimos hoje a um crescimento da atenção sobre a Economia Social devido a um triângulo de forças: a visibilidade da sua presença (agora que o Estado recua em muitas áreas sociais e que a crise agudizou as necessidades), o reconhecimento do seu papel fundamental no Desenvolvimento das democracias, e a valorização empírica dos seus agregados. A Universidade do Minho, através da Escola de Economia e Gestão, abriu neste ano de 2014/2015, a 7ª edição do Mestrado em Economia Social. Fruto da atenção da Arquidiocese de Braga, na figura do Senhor Arcebispo, Dom Jorge Ortega, iniciou-se este ano a premiação anual da melhor tese em Economia Social. Este ano a tese premiada pertenceu à Mestre Carla Martins, tendo versado sobre o Microcrédito. Mas ao longo das edições anteriores as mais de 30 teses defendidas versaram também sobre a Economia do Turismo, sobre a Assistência Social, sobre o apoio à população sénior, sobre o alcance efectivo das Misericórdias e das delegações da Cruz Vermelha, sobre o Voluntariado, sobre a Responsabilidade Social das Empresas, ou sobre a Economia do Desporto (só para citar as áreas mais frequentes). Dado o património histórico e social do Minho e das áreas envolventes, temos sentido, enquanto Direcção do Mestrado, uma atenção contínua sobre o nosso trabalho, inclusive uma procura de frequência crescente a nível internacional. De qualquer modo, a Economia Social surpreende-nos diariamente, pela transfiguração dos seus agentes, pelo efeito multiplicador dos seus valores, pela eficácia do seu alcance, pela flexibilidade das soluções, e pela contínua renovação de todo o sector.

NOVO ANO LITÚRGICO: UM CAMINHO PARTILHADO AO RITMO DA LITURGIA



MANUEL JOAQUIM

CÓNEGO | PRESIDENTE DA COMISSÃO PARA A PASTORAL LITÚRGICA

A vida de cada pessoa e de cada comunidade tem um ritmo próprio. Neste dinamismo vital, sentimos frequentemente a necessidade de recomeçar. Assim, todas as possibilidades podem ser conjugadas, prevendo-se o que é fundamental, pois pouco está ainda configurado. Sendo a experiência cristã uma abertura a Jesus Cristo, que se torna presente na nossa vida, somos chamados a saborear a densidade do seu mistério, no ritmo próprio do tempo. Por isso, o ano litúrgico, enquanto percurso pedagógico de acesso aos mistérios

Arquidiocese, vamos propor um caminho para a “Fé vivida”, procurando articular o ritmo do ano litúrgico com os ambientes em que somos chamados a viver a fé:

I – Tempo de Advento e Natal: na Família;

II – Tempo Comum: no Trabalho/Lazer;

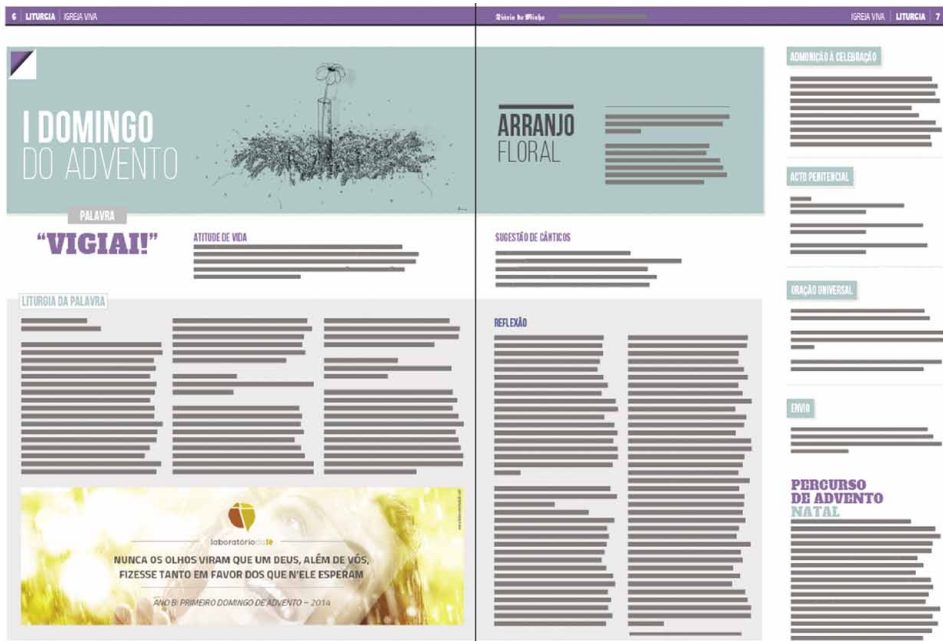
III – Tempo da Quaresma: na Economia;

IV – Tempo Pascal: na Cultura;

V – Tempo Comum: na Política.

Vamos tentar iniciar um caminho de proposta e valorização dos arranjos florais na Liturgia, de tal forma que possamos contribuir para o enriquecimento partilhado e chegar mesmo à elaboração de um dossier, que resulte em património disponível para ajudar a muitos.

Outro elemento, ao qual procuraremos estar atentos, é a oração universal. Poderá também haver, a todo o momento, pequenas introduções ou admoções que possam valorizar



de Cristo revelados no tempo, permite que nos abramos a essa graça, acolhendo-a ao ritmo de cada Domingo, que ilumina a fé e desafia a vida. Em sintonia com as indicações do Programa Pastoral da nossa

a temática das celebrações ou os seus elementos, bem como a sugestão de cânticos. Estaremos sempre abertos a sugestões e colaborações que, de modo sereno e construtivo, possam enriquecer a partilha.

“SOU UMA ESPÉCIE DE MISSIONÁRIO DO MUNDO”

HENRIQUE PINTO FOI SÓCIO-FUNDADOR DA “CAIS” EM 1994. ESTE ANO CRIOU A ASSOCIAÇÃO “IMPOSSIBLE – PASSIONATE HAPPENINGS”, QUE TEM POR MISSÃO PROTEGER A DIGNIDADE HUMANA. AOS 51 ANOS, HENRIQUE PINTO QUER VER A POBREZA DECLARADA COMO ILEGAL.

TEXTO: DACS FOTOS: RUTE LEONARDO / REVISTA INSIGHTS



Dedicou a maior parte da sua vida aos sem-abrigo e aos excluídos. Como despertou a sua atenção para este tipo de problemas?

Porque interdependentes, estudos revelam que somos por natureza seres sociais, seres que tendem para a reciprocidade. Ninguém seria “feliz” sozinho, desligado do que existe à sua volta. Portanto, podemos dizer que existir na direcção dos outros é algo que nos é natural. Mas parece também ser característica da precariedade, da contingência das coisas o desejo de justiça. A humanidade tem desejado ao longo dos séculos a justiça. E este desejo, que sempre sofreu na minha vida uma intensa formação e reflexão, é o que me faz existir na direcção dos outros que são pobres, excluídos, desempregados, sem terra, sem casa... Não posso esperar pela justiça sem a procurar praticar.

É apaixonado por impossíveis?

A paixão que sempre me moveu foi o desejo de dar à luz o divino. A pós-modernidade trouxe-nos a impossibilidade de “Deus”. Quentin Meillassoux é um contemporâneo filósofo francês que, indo mais além, defende, contornando o fideísmo, que o divino não existe hoje, mas que pode existir num futuro Quarto Mundo, onde mais do que sermos criaturas de “Deus” seremos seus progenitores. O Impossível é o mundo de justiça. Realizar impossíveis é acreditar que

este mundo pode mesmo vir a ser possível.

Nunca casou. O amor está guardado para os mais frágeis?

Dou-me conta, olhando a minha vida e os anos que passaram depois de deixar os Missionários da Consolata, que nunca consegui ser outro senão missionário, também porque nunca me senti frustrado como missionário. Antes pelo contrário. Nunca me faltaram oportunidades de viver como a grande

“A medição da taxa de pobreza em Portugal foi sempre uma tarefa impossível”

maioria, mas o receio de não poder continuar a ser para os outros sem amarras, religiões, credos, ideologias, instituições ou impedimentos de vária ordem, ditou sempre o estilo e o fazer do meu dia-a-dia. Sou uma espécie de missionário do mundo, que até hoje não tem pertencido a nada, a ninguém. Sinto e sei, no entanto, o quão importante e necessária ao meu caminho é a partilha e construção na intimidade de um grupo ou de alguém. Por isso, quem sabe o que a abertura ao mundo me possa ainda proporcionar como estrada.

Como foi ser Presidente da CAIS durante uma década? O que ficou por fazer?

Fui sócio-fundador da CAIS em 1994. Fiz parte da sua direcção, mas fui sobretudo um determinado, motivador, alegre e apaixonado director-executivo entre 2001 e Junho de 2014. O que consegui realizar, sem desistências, foi sempre com o propósito de responder aos desafios que encontrávamos em cada pessoa que solicitava o nosso apoio. Mas também desenvolvemos estratégias de prevenção, de mobilização e transformação de mentalidades. Foi sempre muito o que conseguimos com escassos recursos. Sempre defendi que a pobreza e a exclusão se erradicam através do acesso ao trabalho justamente remunerado. Creio que esta convicção é o que a CAIS se deve esforçar por realizar, se não quiser pertencer ao grupo de instituições que apenas fazem a manutenção da pobreza, sem nunca a erradicarem, tornando-a, pelo contrário, persistente e institucionalizada.

Qual é a missão da “Impossible – Passionate Happenings”?

A “Impossible” tem por missão realizar os impossíveis que a defesa e promoção da dignidade de tudo quanto existe exigirem de nós. A dignidade humana é inviolável. Está para lá de qualquer lei ou Constituição. Por isso, é dever da “Impossible” não só denunciar tudo quanto atentar contra ela, como proporcionar o livre e pleno exercício das suas capacidades, manifesto em gestos de justiça universal, na relação com todos os seres animados ou

inanimados que compõem a natureza ou o universo.

O Movimento Pobreza Ilegal vai avançar com uma petição para debater a questão da pobreza na Assembleia da República. Acredita que esse trabalho pode dar frutos concretos?

Declarar que a Pobreza é ilegal porque violadora de direitos e deveres fundamentais não será realizável a curto ou até médio prazo. Ela exige uma outra humanidade que ainda não somos, e que vejo uma vez mais adiada - depois que o drama da crise se pincela ou cancela levemente com estimado crescimento económico, por mais baixo que seja. Os últimos anos levaram-nos a perceber que um outro paradigma de governação pessoal e colectivo era urgente. Sinto que essa vontade se esvai e com ela a coragem de exigirmos de nós uma nova relação com o que entendemos por propriedade privada. Por isso, cabe-nos desencadear, antes de mais como debate, como seríamos se a pobreza fosse ilegal, como seria a nossa relação com o dinheiro e os pertences de cada um, como seria a nossa relação com os outros e os seus rendimentos.

Como é que poderá ser penalizado o governo quando o crescimento económico não se reflectir na diminuição da pobreza?

A pobreza em Portugal é um problema estrutural. E este tem sobretudo a ver



com a forma como a distribuição da riqueza produzida chega justamente a todos. Havendo crescimento económico, os seus efeitos deviam sentir-se entre todos, mas o que acontece é que os dividendos não são equitativamente distribuídos e a disparidade entre quem ganha mais e menos é cada vez maior. Ao abrigo de uma lei que resultasse da ilegalização da pobreza, os governos, empresas e instituições deviam ser punidos de cada vez que o crescimento económico

“A disparidade entre quem ganha mais e menos é cada vez maior”

não diminuísse em um ou em mais pontos percentuais a taxa de risco de pobreza ou de pobreza efectiva. Castigam-se governos quando nada se faz para combater o efeito estufa, ou as dívidas públicas não se pagam. O mesmo devia acontecer quando o elevado nível de pobreza permanece inalterado ou até piora. Quiseram, antes das últimas eleições legislativas, membros do actual governo, levar a tribunal os autores da crise em Portugal. Rapidamente se calaram. Mas quem nos empobrece em casa, na escola, no trabalho, nas instituições... não devia andar por aí impune.

Como é que a música, nomeadamente o hino “Bora Lá”, pode ajudar à erradicação da pobreza?

Pela arte transformaremos o mundo. A música tem um poder único de mobilização e transformação. Há muito que me vivo eu mesmo pela força da música. Peter Gabriel compôs recentemente a música que une 9 curtas metragens de um filme intitulado “Words with gods”. A canção que tem por título “Why don’t you show yourself” é arrebatadora. Arrebatador corações, mentes, vontades foi e é o grande propósito da canção “Bora lá”. Precisamos todos de beber entusiasmo, e esta canção foi trabalhada por pessoas da Serra da Estrela para ser essa espécie de água fresca quando o corpo parece mais cansado e desmotivado. Bora lá!

O que é que os cidadãos comuns podem fazer para ajudar no combate à pobreza e exclusão social?

A erradicação da pobreza nos seus múltiplos rostos depende de cada um de nós. Um aluno que apanhe um papel do chão na sua escola, ou que separe devidamente o seu lixo, estará a contribuir para uma diminuição da pobreza ambiental e a ser um exemplo para outros. Os pais têm por tarefa garantir mínimos de qualidade aos seus filhos, e no país onde vivem, estes mesmos mínimos devem ser exigidos a quem foi dado o poder de governar e representar. A melhor educação, habitação, alimentação, saúde, trabalho, a melhor juventude e envelhecimento é uma tarefa tremendamente árdua e difícil,

e por isso ela não pode dispensar ninguém, nem ninguém se pode desresponsabilizar da situação que hoje enfrentamos e da que queremos para outros amanhã.

Os meios de comunicação social podem desempenhar um papel activo na luta contra a pobreza?

Apesar de não ser uma comunicação isenta, independente, é sobretudo pelos meios de comunicação de massa que conhecemos os problemas e a sua dimensão. A ilegalização da pobreza, a sua gradual erradicação precisa de ter nestes meios um crucial aliado. Numa sociedade que apenas acredita no que vê, é fundamental que as situações de pobreza se mostrem para que alguma coisa se faça, como também é importante que boas práticas se conheçam e possam por isso ser de exemplo e até replicadas noutros contextos. Sem lhes sucumbir, há dois poderes que sempre procurei ter por parceiros no meu trabalho: o mediático e o político. Sem eles, a erradicação da pobreza carece fortemente do impacto da informação e da força de lei. Por isso, não basta que no terreno todos concordem com a ilegalização da pobreza. É preciso que ela aconteça em contexto político (parlamento) e mediático (meios de comunicação).

As doenças mentais e psicológicas continuarão a aumentar caso a pobreza não diminua nos próximos anos? Seremos uma sociedade “deprimida”?

Creio que já o somos, tristes e deprimidos. O empobrecimento generalizado na Europa e no mundo provocou um elevadíssimo consumo de anti-depressivos e ansiolíticos. Crianças e adolescentes que deviam estar a brincar com os seus amigos e colegas passam horas em consultórios por viverem já hoje nos seus tenros corpos os dramas dos seus pais desempregados, doentes, separados, divorciados. As consultas de psiquiatria e psicologia, pelo serviço nacional de saúde não são imediatas, muito menos as que se procuram fora do sistema, sobretudo sem dinheiro. Diz-se da pobreza ser mãe de todos os males. Por isso, não é apenas o corpo que, na privação do que é essencial, adoce, também a mente sucumbe a um estado de gradual apagamento. A depressão mata. Uma sociedade sem pobreza será certamente uma sociedade mais saudável. Os pobres que em bairros de lata africanos nos surpreendem com tanta alegria e sorrisos, também eles sorriam de outra maneira se não fossem pobres.

Os dados públicos sobre a pobreza são verosímeis ou escondem uma realidade mais assustadora?

A medição da taxa de pobreza em Portugal foi sempre uma tarefa impossível porque nunca de facto houve vontade política para se fazer.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) esforça-se em apresentar alguns números, que se foram estendendo, por exigências da crise, a outras áreas da vida humana, mas sendo sempre números com pelo menos dois anos de atraso em relação à situação presente. E o que me ocorre sempre dizer é que em Portugal não temos 18,7% da população em risco de pobreza (dados relativos a 2012), mas que esta percentagem está efectivamente em situação de pobreza, não sendo apenas relativa mas também absoluta. Os números de facto nada dizem sobre a realidade por detrás deles. Por isso, quando o INE revela que sem as prestações sociais do Estado, em 2012, 46,9% da população residente m Portugal estava em risco de pobreza, nós encontramos crianças com fome, crianças que perdem a vida a cuidar de menores, idosos que morrem sós, pais que se suicidam.



BORA LÁ...

There was a time with free smiling faces / There was a time with the world as one; / There was a time with care for each other / There was a time with no war but peace;

There was a time with a strong love for nature / There was a time with stories of old; / There was a time with clean running waters / There was a time with heaven above.

REFRÃO:

Bora lá...

Quando o dia amanhece,

Bora lá...

Quando o fio da vida se tece;

Bora lá...

Quando o corpo estremece

e o amor acontece, Bora lá...

Bora lá...

Quando o olhar agradece,

Bora lá...

Quando alguém nos abraça

e aquece;

Bora lá...

Quando a falta se esquece

e o cantar apetece, Bora lá...

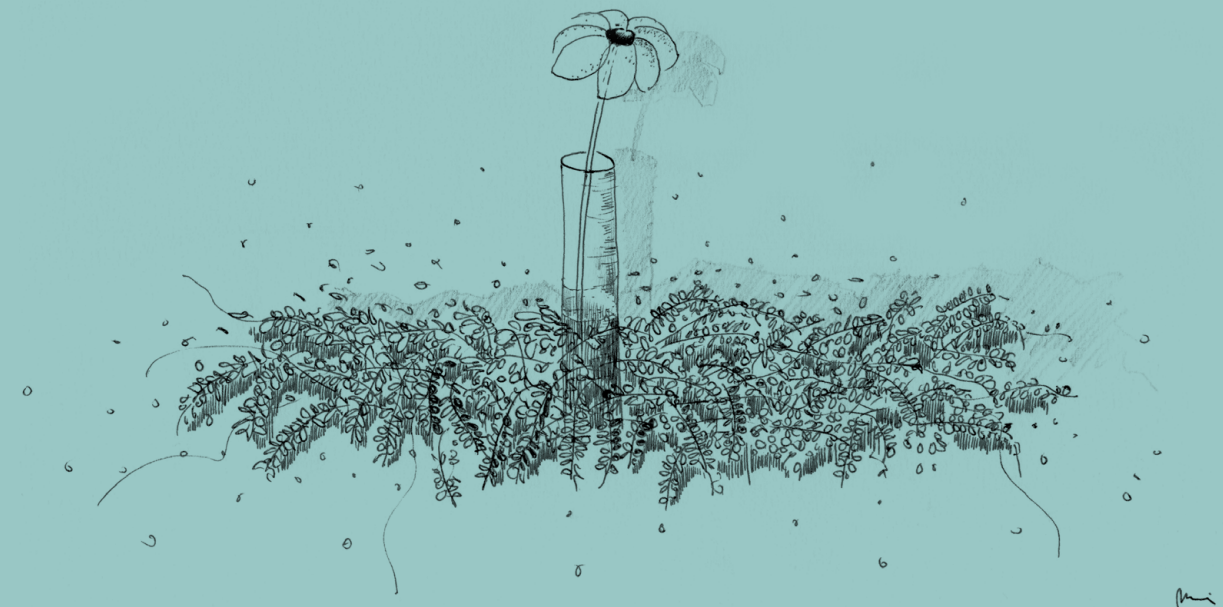
There was a time with all nations united / There was a time with frontiers no more; / There was a time with no one in prison / There was a time with forgiven debts;

There was a time with no begging people / There was a time with labour for all; / There was a time with the elderly happy / There was a time with the young growing old.

I DOMINGO DO ADVENTO

PALAVRA

“VIGIAI!”



ATITUDE DE VIDA

Coragem. Correspondendo à nossa vocação baptismal, pela qual somos chamados a ser profetas, nesta primeira semana de Advento queremos trazer algo de novo à nossa vida pessoal e, sobretudo, familiar. Para isso, procuremos fazer uma oração em família, abrindo a nossa casa à luz do Amor de Deus, através do singelo contributo que o livro “Rezar no Advento” das Edições Salesianas pode renovar no nosso lar.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 63, 16b-17

Leitura do Livro de Isaías

Vós, Senhor, sois nosso Pai e nosso Redentor, desde sempre, é o vosso nome. Porque nos deixais, Senhor, desviar dos vossos caminhos e endurecer o nosso coração, para que não Vos tema? Voltai, por amor dos vossos servos e das tribos da vossa herança. Oh se rasgásseis os céus e descésseis! Ante a vossa face estremeceriam os montes! Mas vós descestes e perante a vossa face estremeceram os montes. Nunca os ouvidos escutaram, nem os olhos viram que um Deus, além de Vós, fizesse tanto em favor dos que n’Ele esperam. Vós saís ao encontro dos que praticam a justiça e recordam os vossos caminhos. Estais indignado contra nós, porque pecámos e há muito que somos rebeldes, mas seremos salvos. Éramos todos como um ser impuro, as nossas acções justas eram todas como veste imunda. Todos nós caímos como folhas secas, as nossas faltas nos

levavam como o vento. Ninguém invocava o vosso nome, ninguém se levantava para se apoiar em Vós, porque nos tínheis escondido o vosso rosto e nos deixáveis à mercê das nossas faltas. Vós, porém, Senhor, sois nosso Pai e nós o barro de que sois o Oleiro; somos todos obra das vossas mãos.

LEITURA II 1 Cor 1, 3-9

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

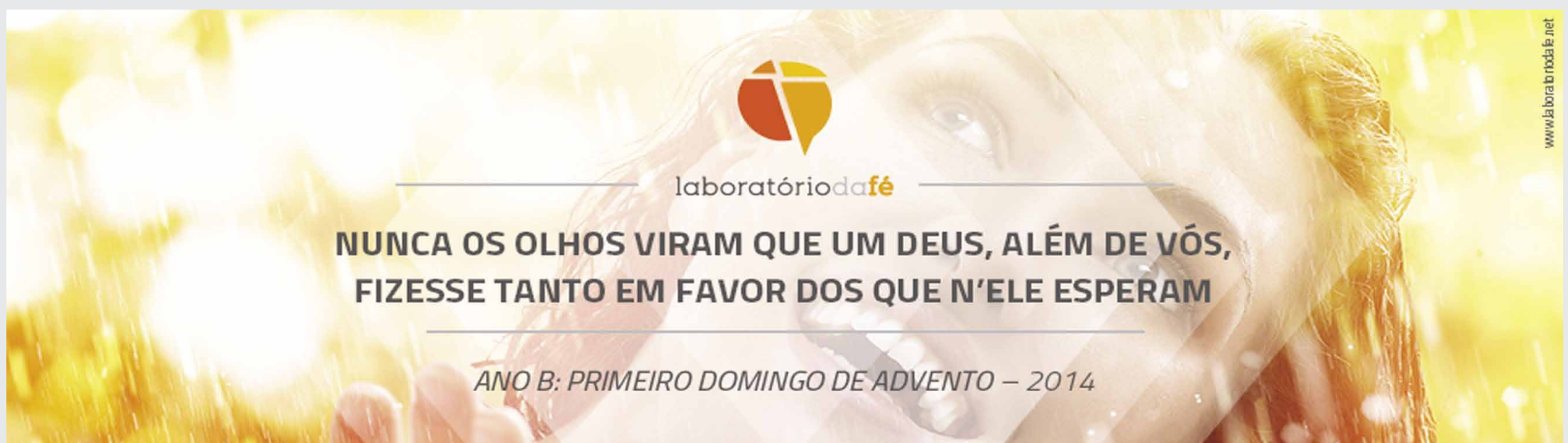
Irmãos: A graça e a paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Dou graças a Deus, em todo o tempo, a vosso respeito, pela graça divina que vos foi dada em Cristo Jesus. Porque fostes enriquecidos em tudo: em toda a palavra e em todo o conhecimento; e deste modo, tornou-se firme em vós o testemunho de Cristo. De facto, já não vos falta nenhum dom da graça, a vós que esperais a manifestação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ele vos tornará firmes até ao fim, para que sejais irrepreensíveis no dia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, por quem fostes chamados à comunhão com seu Filho, Jesus Cristo, Nosso Senhor.

EVANGELHO Mc 13, 33-37

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: “Acautelai-vos e vigiai, porque não sabeis quando chegará o momento. Será como um homem que partiu de viagem: ao deixar a sua casa, deu plenos poderes aos seus servos, atribuindo a cada um a sua tarefa, e mandou ao porteiro que vigiasse. Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se de manhãzinha; não se dê o caso que, vindo inesperadamente, vos encontre a dormir. O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!”.



laboratóriodafé

**NUNCA OS OLHOS VIRAM QUE UM DEUS, ALÉM DE VÓS,
FIZESSE TANTO EM FAVOR DOS QUE N’ELE ESPERAM**

ANO B: PRIMEIRO DOMINGO DE ADVENTO – 2014

ARRANJO FLORAL

_MATERIAL: um solitário, uma flor, cedro ou outro verde em volta do solitário, sem inquietação de muita ordem...

_NOTA: o solitário vai manter-se ao longo de todo o Advento. O verde também vai assumir, progressivamente, orientação e forma diferente. Queremos assim significar a ternura e transparência de Deus, sempre presente e dando sentido sempre novo à nossa esperança.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** *Povos que caminhais*, J. Santos, NRMS 64 (IC96)
- **SALMO RESP:** *Senhor nosso Deus fazei-nos voltar*, Az. Oliveira, SR (ANO B), 10
- **A. DONS:** *Sabei que o nosso Deus*, M. Simões, NRMS 24 (IC99)
- **COM:** *Vinde visitar-nos*, Senhor, Az. Oliveira, NRMS 95-96 (IC112)
- **FINAL:** *Quando virá Senhor o dia*, Az. Oliveira, NRMS 39 (IC98)

REFLEXÃO

Advento, tempo dos profetas, tempo dos vigilantes: eis que se anuncia a vinda do Senhor Jesus Cristo. Aquando do Exílio, Israel suplica a Deus que venha em seu auxílio: estes crentes dão-nos um belo exemplo de confiança (primeira leitura), também cantada pelo salmista. Esta graça é-nos dada plenamente em Jesus Cristo (segunda leitura), no Natal. Mas Jesus Cristo fala também da sua vinda no final dos tempos (evangelho). Sim, esperamos a sua vinda gloriosa! Então, “vigiai”! Toda a nossa vida é vigilância, pois o cristão precisa de ter o olhar voltado para o regresso do seu Senhor. Eis o feliz tempo de Advento! Que a (primeira) vela da coroa de Advento nos desperte, nos abra os olhos, para a descoberta do que realmente é essencial!

“Nunca os olhos viram que um Deus, além de Vós, fizesse tanto em favor dos que n’Ele esperam”

A primeira leitura contém diversos fragmentos dos últimos capítulos do livro de Isaías, uma obra complexa que se estende desde os textos mais antigos, testemunhos do grande profeta de Jerusalém do século VIII, passa pela segunda parte (capítulos 40 a 55), os poemas de ânimo aos filhos de Judá deportados na Babilónia, e acaba com uma miscelânea de textos proféticos da época persa ou do início da época helenística (os versículos da leitura). Trata-se de uma prece dirigida a Deus em nome de um povo oprimido e desprovido de qualquer poder. Contudo, a voz profética está convencida de que Deus pode intervir para tornar a vida

pacífica e gozosa. Aliás, a vida sem Deus não se pode suportar; a vida com Deus é sempre marcada pela esperança. Este é o sentido da prece que nos é oferecida no primeiro domingo de Advento (Ano B), primeiro dia do novo ano litúrgico. O profeta recorda que Deus já “desceu” outras vezes na história do povo, referindo-se aos factos do Êxodo, quando Israel foi libertado e Deus estabeleceu com o povo uma Aliança. O Advento é a esperança de que os factos fundamentais da memória de Israel podem ser actualizados: acontecimentos tão extraordinários que desafiam qualquer outra categoria explicativa que não seja a da fé. Entretanto, a prece muda de tom e passa para a confissão de culpa. O povo de Israel reconhece-se “impuro”, isto é, ritualmente inaceitável: já não se pode apresentar dignamente perante Deus. Nestas circunstâncias, Deus não pode “descer”... mas o povo pode invocar o nome de Deus e recordar tudo o que Deus fez em seu favor: “Nunca os olhos viram que um Deus, além de Vós, fizesse tanto em favor dos que n’Ele esperam”. O tempo de Advento abre com este poema de Isaías: por um lado, é um reconhecimento da nossa condição pecadora; por outro, uma garantia da esperança que procede de Deus. Em suma: uma condição de pecado não derrotista, mas cheia de esperança. Hoje, este é o motivo da nossa ação de graças (eucaristia). Rezamos o “Prefácio do Advento I” que pode ser muito bem acompanhado pela “Oração Eucarística III”: “esperando a sua vinda gloriosa, nós Vos oferecemos, em ação de graças, este sacrifício vivo e santo”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ADMONIÇÃO À CELEBRAÇÃO

O Ano Litúrgico é convite amoroso de Deus que nos dá a mão e nos mostra, semana a semana, Domingo a Domingo, a grandeza do Seu amor criador, salvador, santificador! Isto acontece pela Sua presença na comunidade/assembleia, nos ministérios, na Palavra e no Seu Corpo e Sangue. Para que este novo ano litúrgico tenha alento e vida abundante, cabe-nos a responsabilidade de nos deixarmos conduzir pela luz do mistério da nossa fé, na qual celebramos o Emanuel, o Deus connosco. Dêmos as mãos e façamos caminho, abertos uns aos outros e ao Pai que nos conduz.

ACTO PENITENCIAL

3ª Forma

Senhor Jesus, Rosto do Pai, revelação do Seu amor,
tende piedade de nós, salvai-nos.

Cristo, vinde ao mundo para libertar os Homens do pecado,
tende piedade de nós, salvai-nos.

Senhor, que regressarás em glória para nos conduzires ao Pai,
tende piedade de nós, salvai-nos.

ORAÇÃO UNIVERSAL

1. Pelas Igrejas e instituições da humanidade, que procuram descobrir os novos sinais que Deus lhes dá, oremos ao Senhor.
2. Pelos bispos, presbíteros, diáconos e fiéis que vivem com coragem e abertura a fé, enriquecidos pela Palavra que vem de Cristo, oremos ao Senhor.
3. Pela nossa Arquidiocese e por todos os que se deixam motivar na redescoberta de caminhos da “fé vivida”, oremos ao Senhor.

ENVIO

Ao terminar a celebração, propomos que se apresente a cada membro da assembleia dominical votos de “Feliz Ano Litúrgico”, podendo facultar a pagela, em formato de marcador de livro, com o itinerário do ano litúrgico.

PERCURSO DE ADVENTO NATAL

O ciclo de Advento – Natal é uma proposta para reavivarmos a esperança e para fazermos a experiência de um Deus que se faz tão próximo, que nos impele a tocarmos a verdade da nossa humanidade. Por isso, ao longo deste tempo, somos chamados a incarnar e a viver a alegria de testemunhar o Evangelho no seio da nossa *família*. Concretizando este itinerário, além dos elementos que poderão configurar cada Domingo do ano, faremos referência, de modo especial neste tempo, a uma *palavra* – partindo da Palavra de Deus, pode ser um motivo para a manter viva na nossa memória ao longo de cada semana – e a uma *atitude*, que procurará valorizar o contributo trazido por *Luciano Manicardi*, na última acção de formação permanente do clero, através dos modos de ser criativo na caridade com as pessoas do nosso tempo. Com esta simples proposta, acreditamos que o nosso tempo de Advento e Natal possa ser verdadeiro caminho de crescimento.



MENSAGEM DE ADVENTO: ADVENTO SOCIAL PARA NATAL CRISTÃO

Poucas circunstâncias como o nascimento de uma criança têm o poder de transformar a vida e a identidade das pessoas. Nesse momento, o marido torna-se pai e a esposa mãe. E as suas vidas, agora centradas no recém-nascido de aparência frágil, mudam radicalmente. Neste tempo de Advento, queremos ser companheiros de viagem até à gruta de Belém para fazermos a experiência da parentalidade universal. A experiência de um olhar a perder-se no tempo para um menino que é ternura, paixão, reconciliação e esperança. Uma verdadeira “riqueza escondida” (Is 45, 3) que desperta em nós – ainda que por uma fracção de segundo – a esperança num mundo diferente... a fé que se transforma em vida e transforma a nossa vida.

Gostaria, por isso, de propor este património do cristianismo e da humanidade em quatro palavras. Uma palavra para cada semana do Advento.

Descoberta. O advento – o que “há-de vir” – é o tempo para atingir o coração pela imaginação. Entendo aqui imaginação como desejo, antecipação e o ensaio de novas realidades. O que seria de Portugal sem a bravura nos navegadores e a ciência sem o rasgo dos visionários? E o que será da nossa sociedade se, dentro de nós, não tivermos também a imaginação dos grandes? Se não desejarmos descobrir as pessoas sem pressas nem outras intenções senão a de querer encontrá-las?

Encontro. “A virgem conceberá e dará à luz um filho chamado Emanuel”



“A VIRGEM CONCEBERÁ E DARÁ À LUZ UM FILHO CHAMADO EMANUEL” (IS 7, 14)

(Is 7, 14). Emanuel significa, como sabemos, “Deus connosco”, Aquele que armou a sua tenda entre nós (cf. Jo 1, 14). Ter alguém ao nosso lado é uma segurança. Daí que o Advento seja o tempo favorável para redescobrir o nosso vizinho, o nosso colega de trabalho, o nosso familiar e intuir as suas necessidades materiais e espirituais. Uma sociedade que vive do anonimato está, ela própria, destinada ao esquecimento. Como seria se os nossos pais não se recordassem do nosso nome?

Alegria. Por vezes perguntamo-nos quais terão sido as exactas

palavras de Jesus. S. Paulo relata-nos algumas: “A felicidade está mais em dar do que em receber” (Act 20, 35). Dar é o verbo da alegria e tem efeitos multiplicadores. Quando somos capazes de dar, fazendo-o desinteressada e apaixonadamente, experimentamos uma alegria que nada nem ninguém nos pode oferecer.

Pão. Foi em Belém que Jesus nasceu e os pastores viram um exército celeste a dar glória a Deus. Curiosamente, Belém significa “casa do pão”. Pensando em Belém, gostaria que nos lembrássemos de quem não tem pão. De modo particular, dos pobres, marginalizados, sem-abrigo. Mas também daqueles que, sendo ricos, falta-lhes algo. Uma oração tradicional para as refeições diz: “Dai, Senhor, pão a quem tem fome e fome de justiça a quem tem pão”.

Que o Advento nos dê esta fome de justiça – até de justiça social – para que a nossa alegria seja completa... e um verdadeiro Natal cristão nasça em cada um dos nossos lares.

† Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz

AGENDA

29.11.2014

HI-GOD

16h30 / Famliação

LANÇAMENTO “S. GERALDO E O MILAGRE DA FRUTA”

16h30 / Capela de S. Geraldo

30.11.2014

I DOMINGO DE ADVENTO

EUCARISTIA DE ABERTURA DO ANO DO CONSAGRADO

11h30 / Sé de Braga

03.12.2014

CONSELHO ARQUIDIOCESANO DA PASTORAL DA SAÚDE

12h00 / Paço Episcopal

DIA INTERNACIONAL DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Sim
Assim, sim, assim

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, as Irmãs de Cister.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

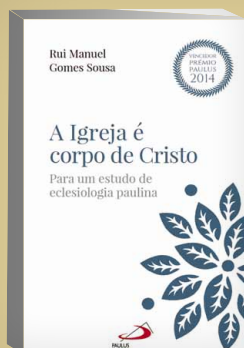
Diretor: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Flávia Barbosa, Joana Araújo)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt
Site: www.igrejaviva.diariodominho.pt

LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO

“A Igreja é corpo de Cristo. Para um estudo de eclesiologia paulina” é o título da dissertação de mestrado de Rui Manuel Gomes Sousa, agora transformada em livro. A obra está dividida em dois capítulos principais: o primeiro aborda o “corpo” e o “corpo de Cristo”. O segundo capítulo encarrega-se de oferecer uma lista de todas as passagens em que Paulo se referiu ao “corpo Cristo”, sendo depois apresentadas as respectivas reflexões e significados dos textos. O livro surge na sequência da atribuição do prémio PAULUS 2014, que contou com 31 candidatos oriundos de três países diferentes.

PVP
€11
15%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 27 de Novembro a 4 de Dezembro de 2014.



RUI SOUSA
A IGREJA É CORPO DE CRISTO